Interações medicamentosas em pacientes polimedicados: implicações para a prática farmacêutica

Autor(res)

Albertino Magri Preato Junior
Thiago Paes Santos

Categoria do Trabalho

TCC

Instituição

ANHANGUERA - EAD

Introdução

Polifarmácia é o termo utilizado pelo uso simultâneo de cinco ou mais medicamentos e é uma realidade crescente em decorrência do envelhecimento populacional, da prevalência de doenças crônicas e da medicalização excessiva (LICOVISKI et al., 2025). Embora necessária em diversos casos, essa prática aumenta significativamente o risco de interações medicamentosas, que podem resultar em falhas terapêuticas, inúmeras reações, hospitalizações e até mesmo óbito. Estudos indicam prevalência elevada de pelo menos uma interação clinicamente relevante em pacientes adultos e idosos que fazem uso de múltiplos medicamentos (SANTOS et al., 2022; COSTA et al., 2024). Entre as classes mais observadas destacam-se anticoagulantes, anti-hipertensivos, hipoglicemiantes orais, antidepressivos e anti-inflamatórios não esteroidais (SECOLI et al., 2016). Nesse contexto, a atuação do farmacêutico torna-se essencial, tanto na identificação precoce das interações quanto na orientação ao paciente e equipe multiprofissional, promovendo o uso seguro e racional dos medicamentos (WHO, 2019).

Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo revisar a literatura sobre interações medicamentosas em pacientes poli medicados, identificar as classes terapêuticas mais associadas a riscos clínicos e discutir estratégias farmacêuticas de prevenção e manejo.

Material e Métodos

O resumo expandido trata-se de uma revisão narrativa da literatura, realizada em setembro de 2025. As bases PubMed, SciELO e LILACS foram utilizadas, aplicando os descritores “polifarmácia”, “interações medicamentosas” e “atenção farmacêutica”, combinados por operadores booleanos. Foram revisados artigos originais publicados nos últimos 10 anos, que abordam prevalência de interações, classes de medicamentos envolvidas ou intervenções farmacêuticas. Foram excluídos relatos de caso isolados, estudos sem acesso ao texto completo e trabalhos não relacionados à prática clínica. A análise consistiu na leitura crítica dos artigos selecionados, com extração de dados sobre prevalência, tipos de interações, consequências clínicas e estratégias de intervenção (SECOLI et al., 2016; SANTOS et al., 2022; COSTA et al., 2024; LICOVISKI et al., 2025).

Resultados e Discussão

Os estudos revisados apontam predominância de polifarmácia variando de 36% a 70% em idosos brasileiros, sendo essa a faixa etária mais vulnerável (LICOVISKI et al., 2025). Desses pacientes, cerca de 40% tiveram interações clinicamente relevantes detectadas (SECOLI et al., 2016; COSTA et al., 2024). Entre as combinações de maior impacto destacam-se anticoagulantes orais associados a anti-inflamatórios não esteroidais, com risco de sangramentos graves; uso conjunto de anti-hipertensivos e diuréticos com não esteroides, resultando em perda do efeito anti-hipertensivo; e o uso simultâneo de antidepressivos inibidores seletivos da recaptação de serotonina com opioides ou triptanos, predispondo à síndrome serotoninérgica (SECOLI et al., 2016). Além dos riscos diretos, as interações podem comprometer a adesão ao tratamento, aumentar custos em cuidados com a saúde e reduzir a qualidade de vida do paciente. A literatura mostra que intervenções farmacêuticas, como revisão da farmacoterapia, reconciliação de medicamentos em transições de cuidado e uso de ferramentas digitais de apoio à decisão clínica, reduzem significativamente a ocorrência de interações e eventos adversos (SZILVAY et al., 2021; WHO, 2019). Nesse cenário, o farmacêutico clínico assume papel importante, atuando não apenas na detecção, mas também na prevenção por meio de educação em saúde, ajuste de doses em conjunto com o médico e monitoramento contínuo da farmacoterapia.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que a polifarmácia está fortemente associada ao aumento do risco de interações medicamentosas clinicamente relevantes, com consequências graves para os pacientes. O farmacêutico exerce papel essencial na detecção, prevenção e manejo dessas interações, contribuindo para maior segurança terapêutica e qualidade da atenção em saúde.

Referências

R.; SANTOS, N. D.; NISIHARA, R. M. Interações medicamentosas e polifarmácia em pacientes com déficit cognitivo. Medicina (Ribeirão Preto), v. 57, n. 3, e213793, 2024. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2176-7262.rmrp.2024.213793.

SANTOS, H. G. et al. Prevalência e fatores associados à polifarmácia e potenciais interações medicamentosas em adultos na cidade de Manaus: estudo transversal de base populacional, 2019. Epidemiologia e Serviços de Saúde, Brasília, v. 31, n. 2, e2021653, 2022. DOI: https://doi.org/10.1590/S1679-49742022000200007.

SECOLI, S. R. et al. Interações medicamentosas e reações adversas a medicamentos em polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 24, e2800, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1518-8345.1316.2800.

SZILVAY, A. et al. Analysis of interaction risks in patients with polypharmacy. PLOS ONE, San Francisco, v. 16, n. 9, e0257081, 2021. DOI: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257081.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Medication safety in polypharmacy. Geneva: WHO, 2019.